

A CORPOREIDADE NO ESPAÇO PEDAGÓGICO – Um caminho em construção.

Prof. Dr. José J. Queiroz – Mestrado em Educação da UNINOVE.

RESUMO. O texto relata os preâmbulos histórico-teóricos de uma pesquisa sobre o tema *educação e corporeidade* em andamento no Mestrado em Educação do Centro Universitário Nove de Julho – UNINOVE – São Paulo. Estes preâmbulos se desenvolvem em três sub-temas: 1. *O corpo condenado*, isto é, as concepções que ao longo da história do pensamento ocidental conduziram à marginalização e ao silêncio do corpo. 2. *A redescoberta do corpo*, isto é, a recuperação da corporeidade em várias áreas do saber na modernidade e na pós-modernidade. 3. *A corporeidade no espaço pedagógico*, isto é, estudos que enfatizam e urgem o elo educação e corporeidade. Neste item são relatados sumariamente alguns trabalhos de pesquisa de campo já concluídos ou andamento no referido Mestrado, que focalizam a corporeidade em situações pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Uma pesquisa em andamento vinculada à Linha Fundamentos Filosóficos e Epistemológicos da Educação do Mestrado em Educação da UNINOVE desenvolve o tema Educação e Corporeidade. O texto a seguir constitui uma síntese dos estudos histórico-teórico realizados no âmbito da pesquisa. Ao final, traz informações sucintas sobre dissertações já concluídas ou em andamento no mesmo Mestrado, que focalizam a corporeidade em situações pedagógicas. O trabalho pretende confirmar a suposição de que a corporeidade é uma categoria fundamental para a educação e para a prática pedagógica. A tarefa será desenvolvida em três sub-temas: I — O corpo condenado. II – A redescoberta do corpo. III – A corporeidade no espaço educacional e pedagógico. Pistas teóricas e algumas aplicações práticas.

I – *O corpo condenado.*

Razão, consciência, espírito, alma, é o que conta. Corpo, tudo o que se aproxima da matéria, deve ser visto com suspeita e até condenado. Tal atitude impregnou a mentalidade ocidental, desde o pensamento filosófico grego, na vertente platônica e neo-platônica, até nossos dias.

No diálogo *Fédon*, Platão relata as derradeiras palavras do seu mestre, Sócrates, prestes a morrer sob o efeito da cicuta. No fluir da conversa, as proposições socráticas vão enunciando as bases da doutrina platônica. De início, elas apontam o contraste entre o verdadeiro sábio, o filósofo, e o comum dos mortais. Estes acreditam que “quem não procura o prazer e as comodidades corporais não sabe viver e quem não goza dessas

volúpias está mais próximo da morte do que da vida”. (PLATÃO, 1999:125-126). Contrariando esta opinião da maioria dos homens, o verdadeiro sábio capta com clareza o sentido da morte como separação da alma e do corpo. Ele não vai à busca do comer e do beber, do amor, e demais prazeres físicos, como possuir roupas bonitas, calçados e outros ornamentos. Não os aprecia e até os despreza e deles se serve “apenas quando a necessidade o obriga a usá-los”. (*Ibid.*:125). Por isso, “o trabalho do filósofo consiste em se ocupar, mais particularmente que os demais homens, em afastar sua alma do contato com o corpo”. (*Ibid.* loc.cit).

A razão dessa atitude negativa frente ao corpo é que este constitui um obstáculo para a conquista da verdade. Platão expressa um profundo ceticismo com relação à possibilidade de se chegar à ciência mediante os sentidos. Pergunta-se ele: “os olhos e os ouvidos transmitem alguma verdade ou os poetas têm razão em repetir sem cessar que nada ouvimos nem nada vemos? Visto que, se estes dois sentidos são inseguros, então os outros o serão ainda mais, uma vez que são inferiores a eles”. (*Ibid.*: 126).

O filósofo lança agora a grande questão: “Quando, então, a alma encontra a verdade? Vimos que, enquanto a procura com o corpo, é enganada por ele, que a induz ao erro”. Ao buscar o caminho, que conduz à verdade, surge a visão profundamente logocêntrica⁽¹⁾ de Platão. E’ principalmente “pelo raciocínio”, diz ele, que a alma chega a ver claramente manifesta a realidade dos seres. Ela raciocina melhor “quando não é perturbada pela vista, nem pela audição, nem pela dor, nem pela volúpia e, encerrada em si mesma, deixa que o corpo lide com essas coisas sozinho...” (*Ibid.*: loc.cit.).

A via da verdade requer que o sábio despreze o corpo, sua alma fuja dele e procure estar só consigo mesma. Assim se abre o caminho para a realidade: a justiça, a bondade, a beleza, “a nobreza, a sanidade, a força, em resumo, a essência de todas as coisas”, que nenhum olhar, nenhum sentido corporal é capaz de captar. (*Ibid.*:127). O corpo é “corrupção”; ele faz nascer “as guerras e as revoltas”; é “um intruso que irrompe em meio de nossas investigações, nos entorpece, nos perturba e nos impede o discernimento da verdade”. Se desejarmos saber realmente alguma coisa, “é preciso que abandonemos o corpo e que a alma analise os objetos que deseja conhecer”. Fonte de “mil ilusões”, de “tolices”, o corpo “nunca nos conduz a algum pensamento sensato”. Por isso, conclui Platão: “a inteligência é a única moeda válida, pela qual vale a pena trocar qualquer outra” (*Ibid.*:129-30).

Qual teria sido a penetração na cultura das grandes massas desse extremado rigor platônico frente ao corpo? O influxo do platonismo na mentalidade ocidental se deu por

via do cristianismo. Nietzsche cunhou uma frase, que ficou célebre: “o cristianismo é o platonismo para o povo”. Quer dizer que o rigorismo platônico, até o advento do cristianismo, limitou-se apenas a atingir pequenas comunidades de elite, os filósofos, mas as maiorias greco-romanas continuaram mergulhadas no culto e nos prazeres do corpo e o sistema religioso e educacional não se deixou impregnar pela unidimensionalidade logocêntrica. Mas o pensamento cristão da Alta Idade Média foi profundamente contagiado pelo neoplatonismo, que chegou até nós através da ponte estabelecida por Plotino, nascido na cidade de Alexandria no ano 203 da era cristã e falecido no ano 270, em Campânia, na Itália meridional. Os escritos de Plotino foram reunidos em seis livros por seu discípulo Porfírio, sob o nome de *Enéadas*.

Foi o bispo de Hipona, Santo Agostinho, cuja teologia dominou toda Alta Idade Média, até o advento do neo-aristotelismo, quem introduziu o platonismo como fundamento da doutrina cristã. No período da sua permanência em Milão (340(?)- 397), Agostinho está em busca da solução dos seus graves problemas existenciais. A sua primeira âncora filosófica havia sido o maniqueísmo, que admitia uma dualidade radical, pois o mundo e o ser humano seriam dirigidos por dois princípios absolutamente antagônicos, o deus do bem e o deus da maldade. Ao se converter ao cristianismo, após freqüentar os sermões de Santo Ambrósio, na catedral de Milão, Agostinho renuncia ao maniqueísmo. Agora, para ele, só há um único princípio a reger o mundo, o Deus dos cristãos, uno e trino. Embora, no futuro, ele passe a assumir uma decidida posição antimaniqueísta, o seu pensamento permanecerá impregnado de uma profunda visão dualista, que opunha o mal ao bem, o pecado à graça, a matéria e o corpo à alma e ao espírito, o homem a Deus, as trevas à Luz.

Ainda em Milão, Agostinho conhece e adere ao platonismo, na sua vertente mística, ensinada e praticada pelos discípulos de Plotino. A importância do platonismo na teologia de Agostinho foi muito bem salientada por José Américo Motta Peçanha (1996:8).

Nas *Confissões*, minucioso relato do drama da sua existência em constante luta entre o bem, a graça divina e o mal, o pecado, decorrente dos aguilhões da carne e da sedução das criaturas, Agostinho deixa transparecer o seu profundo pessimismo frente à matéria, ao corpo, à sensibilidade, ao humano, às coisas terrenas. Os bens da terra, diz ele, são indubitavelmente “belos e atraentes, ainda que, comparados com os superiores e celestes, não passem de desprezíveis e abjetos”. (SANTO AGOSTINHO, 1996:69-70).

A alma foi criada por Deus para governar o corpo. Mas o homem subverte o plano divino, abusa do livre arbítrio, faz o corpo prevalecer e cai na concupiscência e na ignorância. Mergulhada no sensível, a alma se degrada. Por suas forças, ela não pode salvar-se. Somente a graça divina é capaz de fortalecer o livre arbítrio e colocar a vontade humana no caminho do Bem e da Luz (Cf. Ibid.:190-197).

Tarefa da alma é estabelecer uma total e assídua vigilância sobre o corpo e os sentidos, para que não impeçam a posse da Verdade. E' preciso cuidar de não se deixar envolver pela tríplice tentação, a saber “a concupiscência do sexo, dos olhos e da ambição do mundo”. Para refrear a gula, Agostinho “sustenta uma guerra cotidiana com jejuns, reduzindo o corpo à escravidão”. Vence as seduções do perfume, liberta-se dos prazeres do ouvido, despreza a voluptuosidade dos olhos e só se deixa inebriar pela verdadeira Luz. Até mesmo a curiosidade, que se disfarça sob o nome de ‘conhecimento’ ou ‘ciência’ está sob suspeita. O orgulho, o desejo de ser amado e temido, a busca de louvores, o amor-próprio são tentações a serem repelidas (Ibid.:287-296)

A visão negativa do corpo instaurada pelo platonismo e principalmente por sua recepção e incorporação na teologia cristã terá amplos reflexos sociais, políticos, educacionais ao longo dos séculos. Michel Foucault, ao analisar a genealogia das ciências e do poder na sociedade moderna, estuda em profundidade a manipulação do corpo como base do poder político.

Outrora, ao longo da Idade Média, o poder se fortalece tendo como instrumento eficaz a repressão do corpo, que se prolonga na visão disciplinar e militarizada da sociedade, cujo controle é obtido mediante o terror inspirado pelos suplícios e castigos corporais. Conforme a análise de Rusche e Kirschheimer, citados por Foucault, na economia servil medieval “os mecanismos punitivos teriam como papel trazer mão-de-obra suplementar e constituir uma escravidão ‘civil’ ao lado da que é fornecida pelas guerras e pelo comércio; com o feudalismo, e numa época em que a moeda e a produção estão pouco desenvolvidos, assistiríamos a um brusco crescimento dos castigos corporais – sendo o corpo, na maior parte dos casos, o único bem acessível” (FOUCAULT,1999: 23).

Na sociedade moderna, diz Foucault, instaura-se “uma nova economia política do corpo”. A ênfase já não é mais o recurso a castigos violentos e sangrentos (embora estes ainda persistam em muitos lugares). Outros métodos suaves de trancar e corrigir vão se firmando, nas instituições em geral, penais ou não, mas o objetivo é sempre o

corpo, suas forças, a utilidade e a docilidade delas, a sua repartição e submissão (Cf. *Ibid.*:25).

Foucault não tem dúvida em afirmar que “as relações de poder têm alcance imediato sobre o corpo. Elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais... É, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e dominação... O corpo só se torna força útil se é, ao mesmo tempo, corpo produtivo e corpo submisso” (*Ibid.*:25-26).

Tendo ainda como pano de fundo a suspeita e a condenação do corpo, a sociedade moderna passa a exercer “um poder microfísico”(Cf. FOUCAULT, 1993), geral, difuso em todo o organismo social, que se abate sobre todos os que são punidos, vigiados, treinados, educados, corrigidos, submetidos a novas formas de controle social, tais como “os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência”(FOUCAULT, 1999:28). A esta lista, acrescentaríamos a moderna e antiga repressão do corpo feminino, do corpo não linear (homossexuais), do corpo peregrino (o estrangeiro), dos corpos de outras cores e raças além da branca (negro, índio, etc.), do corpo pobre e excluído, do corpo mutilado e deficiente e muitas outras

. II – *A redescoberta da corporeidade.*

A redescoberta da corporeidade é uma das marcas do pensamento moderno e pós-moderno., que apareceu no bojo da desconstrução do logocentrismo, exposto no item anterior. A filosofia, pioneira nessa empreitada, desde Nietzsche, que se auto-denominava “dinamite” da decadente civilização ocidental, se insurge contra o racionalismo que gera os “desprezadores do corpo”. A estes, Nietzsche opõe “o homem desperto, o sabedor, que diz: ‘eu sou todo corpo e nada além disso; a alma é somente uma palavra para alguma coisa do corpo’. “O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento do teu corpo é também a tua pequena razão... Há mais razão no teu corpo do que na tua pequena sabedoria”.(NIETZSCHE,1987:51).

Voltando um pouco atrás no tempo, o pensamento marxista, já nos primeiros escritos dos seus inauguradores, apresenta com ênfase o valor do corpo. Na obra em que Marx e Engels fazem o seu acerto de contas com o idealismo alemão – ideologia então dominante no campo filosófico - está afirmada de maneira vigorosa a posição do corpo

em sua materialidade como condição primeira de toda história humana. O texto de Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã*, é enfático:

“A primeira condição de toda história humana é naturalmente, a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é, portanto, a constituição corporal desses indivíduos e as relações que ela gera entre eles e o restante da natureza.... Toda historiografia deve partir dessas bases naturais e da sua transformação pela ação do homem no curso da história”. (MARX-ENGELS, 1989:12-13).

É a organização corporal que permite aos seres humanos produzirem os meios de sua existência. E essa produção é o passo primordial que distingue os seres humanos dos animais.

“Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal” (*Ibid.*: 13).

Em *O Manifesto Comunista*, Marx e Engels condenam com veemência o aviltamento do trabalhador pela exploração do seu corpo, da sua força de trabalho, “que se vende diariamente.. constitui uma mercadoria como outra qualquer, exposta a todas as vicissitudes da concorrência, a todos as turbulências do mercado.. e se torna um apêndice da máquina” (MARX – ENGELS, 1998: 14). Muito antes de Foucault, eles denunciaram a domesticação do corpo pelo caráter “militarizado” do sistema capitalista de produção:

“Massas de trabalhadores, concentradas na fábrica, são organizadas militarmente. Eles são colocados como soldados rasos sob a supervisão de uma hierarquia inteira de suboficiais e oficiais. Não são apenas serviçais da classe burguesa, do Estado burguês; são oprimidos todos os dias e horas pela máquina, pelo supervisor e, sobretudo, pelos próprios donos das fábricas. Tal despotismo é tanto mais mesquinho, odioso, exasperante, quanto mais abertamente proclama ter no lucro o seu objetivo exclusivo” (*Ibid.*:15)

No bojo da exploração da força de trabalho, as características corporais distintivas do ser humano, tais como a idade e o sexo, são eliminadas:

“...quanto mais a indústria moderna se desenvolve, tanto mais o trabalho dos homens é substituído pelo das mulheres e crianças. Diferenças de sexo e de idade não têm mais qualquer relevância social para a classe trabalhadora. Só há instrumentos de trabalho, cujo preço varia conforme a idade e o sexo”. (*Ibid.*:15).

Sartre, em *O Ser e o Nada*, aponta a posição central e fundamental do corpo para a existência humana. Opondo-se ao racionalismo cartesiano, para o qual “a alma é mais fácil de se conhecer do que o corpo”, Sartre afirma que o cartesianismo “baniu definitivamente o corpo da consciência”.(SARTRE,1999:384). O idealismo, também, pela ênfase dada às relações espirituais e à objetividade absoluta do espírito, reduziu tudo a um “mundo deserto, um mundo sem homem”, o que é uma contradição, eis que “pela realidade humana é que há um mundo” (*Ibid.*:389-390).

Para Sartre, não há conhecimento puro, “só existe conhecimento comprometido”.(*Ibid.*:391), e é exatamente o corpo que “representa a individualização do meu comprometimento com o mundo”.(*Ibid.*:393). Ele é o “centro de referência total indicado pelas coisas”.(*Ibid.*:394). Não é apenas a sede dos cinco sentidos; “é o instrumento, a meta de nossas ações”. Também o Outro só o conheço por seu corpo e eu só posso fazê-lo mediante o meu próprio corpo.(*Ibid.*:406). Por isso, sem corpo não há faticidade, não há realidade. O corpo é fundamental para a construção do espaço psíquico, na visão sartriana (Cf.*Ibid*, loc, cit).

Na psicoterapia, Rollo May se sobressai ao apontar a necessidade de redescobrir e valorizar o corpo como mediação para a descoberta de si mesmo. Partindo da afirmação de Gardner Murphy: “o corpo é o primeiro âmago do self”, Rollo May descreve minuciosamente o despertar do corpo desde a infância :

“O bebê segura a perninha de vez em quando e mais cedo ou mais tarde ocorre a experiência: ‘isto é a minha perna. Eu a sinto e ela pertence a mim’. As sensações sexuais são particularmente significativas por se encontrarem entre as primeiras que a criança pode referir diretamente a si mesma. Quando as partes sexuais são estimuladas no brinquedo ou pela fricção da roupa, dá-se o esboço rudimentar da sensação de si mesmo. Infelizmente, no passado, tais sensações e as ligadas à excreção tornaram-se tabus em nossa cultura e a criança aprendeu que são más”(MAY,1972:87).

Estes tabus, segundo o autor, são responsáveis pela auto-imagem “suja”, que a criança adquire, ao lidar com as suas sensações corporais e pelas tendências repressivas da sociedade.Para Rollo May, “perceber o próprio corpo é de grande importância no decorrer da vida. Entretanto, a maioria dos adultos perdeu tal consciência, não lhe presta atenção; este é o resultado de vários séculos de recalque do corpo, transformando-o em máquina inanimada a serviço do industrialismo moderno” (*Ibid.* p.88)

As posições reabilitadoras do corpo começam a inspirar novos olhares sobre a sociedade e apontam rumos mais concretos para enfrentar os grandes desafios de hoje.

Umberto Ecco, em *Cinco escritos morais*, alerta contra o eterno fascismo e as novas culturas que ainda aprovam o massacre e a humilhação do corpo.(ECCO,1997:85). Em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, ele aponta a corporeidade como fundamento radical de uma ética com possibilidade de levar à tolerância e a lutar contra o intolerável:

“...é possível constituir uma ética sobre o respeito pelas atividades do corpo: comer, beber, urinar, defecar, dormir, fazer amor, falar, escutar etc (...). O estupro não respeita o corpo do outro. Todas as formas de racismo e exclusão constituem, em última análise, maneiras de se negar o corpo do outro. Podemos fazer uma releitura de toda a história da ética sob o ângulo dos direitos dos corpos e das relações do nosso corpo com o mundo” (ECCO,1994:7).

Hugo Assmann, ampliando a posição de Ecco, coloca a corporeidade como instância radical de critérios pedagógicos e ético-políticos. A corporeidade individual e os nexos corporais de inserção na amplitude social constituem, segundo Assmann,

“A referência unificadora para levar a sério, de forma conjunta, as necessidades e os desejos humanos. Portanto, é o indicador do caminho para identificar adequadamente as falhas do capitalismo real e do ex-socialismo real. E é também a referência-chave para afirmar, de maneira inter-relacionada, a aceitação do mercado e a intervenção de decisões políticas acerca do seu direcionamento planejado em direção a metas sociais, que não brotam espontaneamente do seio dos mecanismos de mercado”(ASSMANN.1996,209-210).

A recuperação do corpo suscita questões e urgências para a teoria e a prática educacional e aponta até mesmo a necessidade de desconstruir velhos formalismos e buscar novos rumos. E’ o que veremos no próximo segmento.

III – *A corporeidade no espaço educacional e pedagógico. Pistas teóricas e algumas aplicações práticas.*

Na esteira da reabilitação do corpo pelo pensamento moderno e contemporâneo, a educação também vai se abrindo na direção de incluir a corporeidade como categoria relevante para a relação pedagógica.

Maturana e Varela(1995), biólogos chilenos, em obra pioneira, *A Árvore do Conhecimento*, ao apontarem as bases biológicas do entendimento humano, despertaram um notável movimento em busca da ligação entre o ensino-aprendizagem e o olhar atento para perceber que tudo o que temos em comum como seres humanos é uma tradição biológica, que começou com a origem da vida, e se estende, até hoje, nas

variadas histórias da humanidade. Isto significa que cada ser, no processo de aprendizagem, recolhe em seu corpo essa fantástica herança.

Em 1994, era a vez do neuro-cirurgião Antônio Damásio chamar a atenção para uma análise do cérebro humano, que supera a fragmentação cartesiana e descobre a interação intrínseca corpo-cérebro. Ele aponta também o valor dos sentidos e das emoções até mesmo para a cura de lesões cerebrais. (DAMASIO, 1996: 282).

No ano seguinte, 1995, aparece a obra do psicólogo Daniel Goleman, *Inteligência Emocional*.(GOLEMAN,1995). Com fundamento nas novas descobertas sobre a arquitetura emocional do cérebro, Goleman estuda em profundidade “o instinto básico para viver, chamado inteligência emocional”(Ibid.:13), discorre sobre a sua importância em todos os momentos da vida individual e social, e conclui, propondo uma educação e até mesmo uma alfabetização emocional.

No mesmo ano (1995), o livro de Gardner, *Inteligências Múltiplas*, é traduzido e publicado no Brasil (GARDNER,1995). O autor analisa sete inteligências, três racionais e quatro emocionais, as quais, embora múltiplas e autônomas, são estritamente vinculadas entre si e sobrepostas. O trabalho de Gardner é diretamente dirigido para a pedagogia. Uma aprendizagem será tanto mais completa, rica e desenvolvida, quanto mais respeitar, em seus métodos, a pluralidade e o perfil de inteligência do educando. A pedagogia só se torna completa ao desenvolver não apenas as três inteligências racionais, a saber, a lógica matemática, a linguística, a espacial, mas em igual nível, as quatro inteligências emocionais, que são: a musical, a corporal-cinestésica, a interpessoal e a intrapessoal.

Em 1991, vêm à luz duas palestras pronunciadas por Maturana em 1988 , publicadas em livro sob o título *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*.(MATURANA,1999). A primeira parte da obra oferece uma excelente abordagem da educação na perspectiva da biologia, com destaque para as emoções e a corporeidade.

Uma interessante aplicação prática dos princípios gardnerianos está relatada por Edênio Valle no livro *Educação Emocional* (VALLE, 1997). O autor descreve e analisa a experiência de um “curso laboratório”, ministrado por 15 professores do ensino fundamental do Colégio Marco Polo da cidade de São Paulo, que testaram, com seus alunos, a possibilidade de uma educação emocional. O livro apresenta a estrutura do curso laboratório, oferece subsídios para a criação de “círculos” de educação emocional, além de exercícios práticos e roteiros.

Em *Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro*, Edgar Morin fala da importância de ensinar a condição humana (MORIN, 2000, págs.47-62), o que significa ensinar que “o humano é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural” (p.52). Por isso “a racionalidade não dispõe de poder supremo” (p.53). O ser humano é uma unidade múltipla. “Na esfera individual, existe unidade/diversidade genética. Todo ser humano traz geneticamente em si a espécie humana e compreende geneticamente a própria singularidade anatômica, fisiológica. Há uma unidade/diversidade cerebral, mental, psicológica, afetiva, intelectual, subjetiva” (págs. 55-56).

Este breve levantamento histórico-teórico indica uma nova tendência presente na área educacional, que aponta para a instauração de uma pedagogia atenta ao valor do corpo, do biológico, do emocional. Hugo Assmann, já em 1993, no seu livro *Paradigmas Educacionais e Corporeidade* (ASSMANN,1995), parecia antever essa nova direção ao afirmar de maneira contundente:

“A corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal. Sem uma filosofia do corpo, que permeie tudo na Educação, qualquer teoria da mente, da inteligência, do ser humano global enfim, é, de entrada, falaciosa”(Ibid.:106-107)..

Mais adiante, o autor é ainda mais categórico:

“O corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica. Em outras palavras: somente uma teoria da Corporeidade pode fornecer as bases para uma teoria pedagógica”(Ibid.:113).

Nesta altura, vem à tona a indagação sempre oportuna: será que a nossa prática pedagógica se encaminha para a nova direção apontada? Assmann acredita que caberia à Educação Física levantar a bandeira da corporeidade a ser implantada não só em nível transdisciplinar, mas no campo abrangente do todo educacional. (Ibid.:113- 114).

Um rápido olhar para os *Parâmetros Curriculares Para a Educação Física* leva a perceber, no discurso oficial, o despertar de uma nova filosofia para a área, a qual, se posta em prática, poderia introduzir mudanças alvissareiras. A novidade dos Parâmetros é que o trabalho com o corpo e o movimento não se restrinja aos aspectos fisiológicos e técnicos mas considere também “as dimensões cultural, social, política e afetiva, presentes no corpo vivo, isto é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e como cidadãos”. (*Parâmetros* n. 1.2.).

O grande ganho teórico dos Parâmetros é o de apontar um vínculo estreito entre cultura corporal e cidadania, que deve perpassar toda a educação escolar (*Parâmetros*, n. 1.2.2). Mas, como costuma acontecer, o discurso legal tende a permanecer letra morta. O próprio documento constata melancolicamente a situação “marginal” da educação física, empurrada em horários impróprios, ou isolada do planejamento, da discussão e da avaliação do trabalho pedagógico.

.Aplicações práticas.

A pesquisa vem suscitando aplicações práticas em algumas dissertações sob nossa orientação no Mestrado em Educação da UNINOVE. Um primeiro trabalho, com o título *O Corpo Ausente*. Uma análise da Educação a Distância (EaD) sob o prisma da corporeidade, de Maria Zilda Zanetti, expõe um dos principais entraves desse modelo de educação, a ausência corporal, que dificulta uma interação plena educador-educando. Além da análise crítica, o trabalho sugere pistas para assegurar a presencialidade e reabilitar a corporeidade na EaD.

Outra dissertação já concluída é o trabalho de Yara Busch, *A Árvore do Conhecimento e o Ensino da Matemática – Tópicos da Teoria Biológica do Conhecimento de Maturana e Varela e sua Aplicação à Educação e ao Ensino-Aprendizagem da Matemática*. A autora realiza um estudo teórico da conhecida obra dos dois biólogos chilenos e dela extrai pistas e indicativos para lidar com as dificuldades que costumam cercar o ensino-aprendizagem da Matemática, tendo como pano de fundo problemas e experiências do Ensino Fundamental.

Duas dissertações em andamento buscam também aplicações dos estudos da corporeidade na prática pedagógica. Com o tema *Linguagem Corporal e Educação Escolar*, Filomena de Carlo Salerno Fabrin investiga, em algumas escolas do Ensino Fundamental em São Paulo, práticas embrionárias da aplicação da linguagem corporal no trabalho pedagógico. Levanta algumas conquistas, as dificuldades que surgem, e parte em busca de pistas e sugestões para abrir novos caminhos no intuito de integrar linguagem corporal e educação.

Outro projeto de mestrado em andamento é a proposta de Sandra Maria Souza Matos, que investiga o tema *Afetividade e Educação*: a dimensão afetivo-vivencial da relação professor-aluno na percepção do aluno universitário. A pesquisa faz um levantamento em algumas situações que denotam a ausência da dimensão afetiva, busca as raízes dessa carência e propõe sugestões no intuito de incentivar essa importante característica do ser humano na relação pedagógica.

Conclusão.

Parece claro, pelo percurso que percorremos, que o caminho para o resgate pleno da corporeidade no âmbito educacional é longo e está apenas começando. O fato de já estar em andamento uma desconstrução da visão logocêntrica, da visão dual, e uma tomada de consciência do caráter imprescindível da corporeidade, na teoria e na prática pedagógica, já deve ser saudado como um promissor avanço. Resta incentivar a inclusão dessas orientações nos planos pedagógicos e fomentar a criação de experiências pioneiras, que traduzam, na prática, aquilo que a teoria já indica como necessidade urgente e inadiável.

NOTA

1. Logocentrismo aqui é entendido no sentido de racionalismo extremado, que afirma a razão como valor supremo e único, marginalizando outros aspectos fundamentais do ser humano.

BIBLIOGRAFIA.

- ASSMANN, Hugo. *Paradigmas Educacionais e Corporeidade*. 3aed. Piracicaba: SP.UNIMEP, 1995
- IDEM. *Metáforas Novas para reencantar a Educação*. Piracicaba: SP Ed.UNIMEP 1996
- DAMASIO, Antônio. *O Erro de Descartes*. Emoção, Razão e Cérebro Humano. 2a. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- BUSCH, Yara. *A Árvore do Conhecimento e o Ensino da Matemática*. Tópicos da Biologia do Conhecer de Maturana e Varela e sua aplicação ao Ensino-Aprendizagem da Matemática. São Paulo: Centro Universitário Nove de Julho. Mestrado em Educação, 2005
- ECCO, Umberto. *Cinque Scritti Morali*. Milão (Itália) ed. Passaggi Bombiani, 1997.
- IDEM. Entrevista. *Folha de São Paulo*, 3 de abril 1994, caderno 6, pág. 7.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 21a. ed. Petrópolis, Vozes, 1999.
- IDEM. *Microfísica do Poder*. 11a. ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1993.
- GARDNER, H. *Inteligências Múltiplas*. A Inteligência na Educação e na Política. Porto Alegre: Ed.Artes Médicas, 1995.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1995.
- MARX K. e ENGELS F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1989

- MARX K. e ENGELS F. *O Manifesto Comunista*, São Paulo: Ed. Contraponto/Fundação Perseu Abramo, 1997
- MATURANA, Humberto R e VARELA, Francisco G. *A Árvore do Conhecimento*. Campinas, ed. Workshopsy, 1995
- MATURANA Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- MAY, Rollo. *O Homem à Procura de Si Mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1972
- MORIN, Edgar et alii. *Ensaio de Complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1997
- IDEM. *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. São Paulo: Cortez ed. 2000
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Um livro para todos e para ninguém. 5a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.
- PEÇANHA, José Américo Motta. *Agostinho. Vida e Obra*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: 1996
- PLATÃO. *Fédon*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 199
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996
- SARTRE. Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. 7a. ed. Petrópolis, Vozes, 1999.
- VALLE, Edênio. *Educação Emocional*. São Paulo, ed. Olho d'Água, 1977.
- ZANETTI, Maria Zilda. *O corpo ausente*. Uma análise da Educação a Distância sob o prisma da corporeidade. São Paulo: Centro Universitário Nove de Julho, Mestrado em Educação, 2002.